

LEROM ED OÃÇNEVNI A. Elenise Cristina Pires de Andrade, EE “Prof. Gabriel Pozzi”, Limeira – SP e Faculdades Network, Nova Odessa-SP. nisebara@uol.com.br

Resumo: Expressão. Expressa ação. Pressa na ação. Pressão do exprimível. Espremer a língua. Grito de dor. *Lentamente, progressivamente, levar a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe* (Deleuze e Guattari, p. 40, 1977). *Prego é uma coisa indiscutível!* Seria uma quase-tese? Desde dentro. Limites esgarçados em linguagem trêmula. Empurrar a língua para uma desterritorialização absoluta. Sete e meio maquínico. Quase oito. Quase sete. Sete, quase. Oito, quase. Maquínico meio e sete. Absoluta desterritorialização, uma paralíngua a empurrar. Trêmula linguagem em esgarçados limites. Dentro desde. Tese-quase, uma série? *Indiscutível coisa uma é prego!* (1977, 40 p., Guattari e Deleuze) *Sintaxe urra grito ao dar, grita para sintaxe da servir-se. Deserto-o para língua a levar, progressivamente, lentamente.* Dor de grito. Língua a espremer. Exprimível da pressão. Ação na pressa. Ação expressa. Expressão.

Palavras-chaves: linguagem, quase-tese, sete-e-meio

Seminário do 16º COLE vinculado: 14

LEROM ED OÃÇNEVNI A

Elenise Cristina Pires de Andrade,
EE “Prof. Gabriel Pozzi”, Limeira – SP e Faculdades Network, Nova Odessa-SP

LeromMorel

Lentamente, progressivamente, levar a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe (Deleuze e Guattari, p. 40, 1977).

(...) Como incorporar uma escrita de tese de doutorado que não expulsasse as marcações rítmicas dos sons produzidos pelos/as professores/as? Como desamarrar-me e a todos/as os/as demais invasores/as e/ou convidados/as da sedução da segurança dos mastros, junto a Ulysses, protegidos/as do desejo (ou da necessidade?) de ir ao encontro do canto das sereias? Como revirar-me, deslocarmo-nos, subverter-me, esparramarmo-nos na suspensão da contemplação da vertigem do silêncio que as criaturas marinhas nos/me lançam? (Andrade, p. 32, 2006)

Seu trabalho é um contraponto ao livro – no que se considera como “tudo está no livro” – a rostidate, o conjunto. Seu texto é a coletânea, um desafio ao descontínuo. Parece-me que a idéia do seu trabalho é confundir o livro com o objeto, igualar, em importância, a letra a palavra e a frase, desafiando a idéia de tese. Quase tese (Wladimir Antonio da Costa Garcia no exame de qualificação. In 7/2, p.57, Andrade, 2006).

Imagen ☙, silêncios que gritam

Professores/as-astros celestes, quase-tese, Morel, encontros, reminiscências e memórias, pesquisaescrita, INVASÕES, ESTRANHAMENTOS, HOSPITALIDADE INCONDICIONAL. Capítulos, 7/2. Repetições desde dentro no esgarçamento das limitações, das fronteiras, dos silêncios. (...) O modelo se abisma na diferença, ao mesmo tempo que as cópias se afundam na dissimilitude das séries que elas interiorizam, sem nunca ser possível dizer que uma é cópia e a outra modelo (Deleuze, 2006, p. 186). Devir-eu-outro-objeto indefinidamente no tempo e no espaço, na des-delimitação do envelope fronteiriço.

Envelope-páginas? Envelope-pele? Envelope-membrana plasmática?

Imagen ☚, fragmento da p. 50, Andrade, 2006

Invenção. Inventar-se. Se-ratnevni. Oäçnevni.

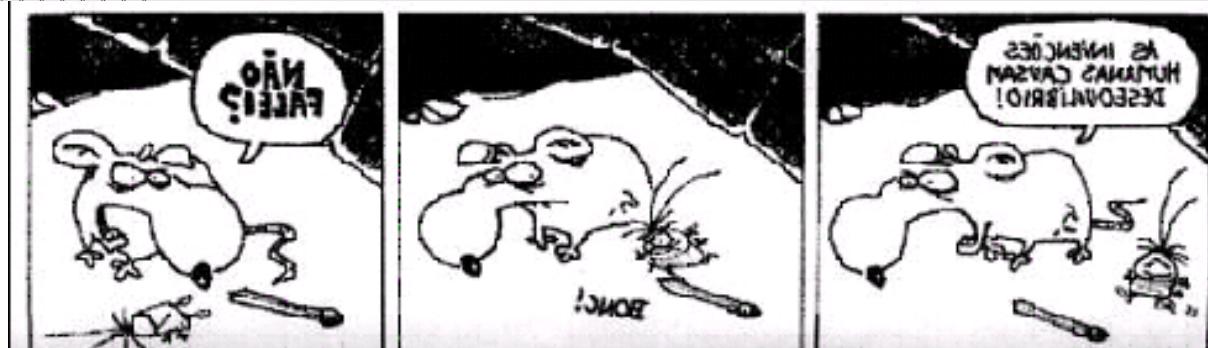
Inventar uma sintaxe para o grito. Gritar intensamente no silêncio da leituraescriturapesquisa em uma Tese de doutorado, Bioy Casares, Morel, Dissertação de mestrado, ensino de ciências e biologia, escola, professores e professoras. O berro do gato que admirou D. Chica MMMMMIIIIIAAAAAAAUUUUUUUUUUUUUUU.



Baseada em Laerte, Folha de São Paulo, 29/11/2000



Laerte, Folha de São Paulo, 02/07/2000



Baseado em Fernando Gonsales. Fonte: <http://www.niquel.com.br>

Imagens ↗, tiras de jornal espaeilhadas pelo capítulo 3¹ de Andrade, 2002.

¹ Título do capítulo: As especificidades da espécie humana perante os demais componentes do ambiente: considerações variadas sobre o tema da pesquisa: Ou a angustiante e fascinante descoberta de que não basta ser, é preciso também se tornar humano?

Durante a dissertação de mestrado (Andrade, 2002) o encontro com gatos, anjos, computadores, ratos, a criatura de Viktor Frankenstein, os replicantes de *Blade Runner* e a renúncia da tentativa de des-delimitação do humano a partir das modalidades biológicas e médicas. Parecia-me (e ainda me parece) que, juntamente a essa renúncia, saltava o que se expressava como implicância à ordenação e fixidez dos textos acadêmicos. Talvez por isso lutava, a todo momento, em todo lugar, normatizar/normalizar a escrita da pesquisa nas Propostas Curriculares de Ciências de São Paulo². Arnaldo Antunes e Octavio Paz são alguns dos invasores que busco para libertar o silêncio do grito na hospedagem.

As sereias entretanto têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio. Apesar de não ter acontecido isso, é imaginável que alguém tenha escapado ao seu canto; mas do seu silêncio certamente não. Contra o sentimento de ter vencido com as próprias forças e contra a altivez daí resultante - que tudo arrasta consigo - não há na terra o que resista. (Franz Kafka)³

Silêncio ensurdecedor ecoado na/da normatização do estranho que me (en)canta no canto da invenção. Viagens pelos mares das escolas, cheios de silêncios ensurdecedores clamando ora para serem ouvidos, ora para serem apagados. O encontro da pesquisaescrita de doutorado (Andrade, 2006) em um possível outro entendimento das supostas linearidades escrita-imagem-representação. Quase-título: *A superfície ex-cri(p)ta em professoras e professores: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. Tese balbuciante, gaga, ao propor outras (im)possibilidades para algumas permanências, por exemplo aquelas que delimitamos e fixamos ao nomear “currículo” e “professor/a”. Tensionar os limites da nomeação e deslizar pela correnteza do fluxo dos tremores e dos ritmos. *Escravos de jó jogavam cachangá; tira, põe, deixa ficar; guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá.*

[...] para além da multiplicidade de enfoques, temáticas, metodologias e ações o campo do currículo passa por processos de subtração e esvaziamento da busca por sua essência. O currículo, ente em desconstrução, passa a constituir-se em bricolagens teóricas, metodológicas e de imaginação, além de expressar desejos por um vir a ser, ainda acontecimento – sua existência é quase alcançada, sua identidade quase estabelecida, suas desfigurações sempre o movimentando (Amorim, 2006, p. 4, grifos do autor).

² Documento curricular oficial da rede pública paulista para o ensino fundamental.

³ Conto: *O silêncio das sereias*. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/kafka2.htm>

Quase-curriculum. Quase-tese. Apostas em quase-professores/as na indeterminação bombástica causada pela fenda do “quase”. Não parece-me possível estabelecer limites e fronteiras na fluidez que escapa em “quases”. Professores e professoras (Lua, Titã, Aldebará, Antares, Júpiter, Saturno, Sagitário, Virgem, Aquário e Leão)⁴ que se encontraram comigo e com um arquivo em *power point* com variadas imagens, fragmentos de textos, poemas. Que humano/a seria esse/a? Como “esse/a” humano/a perpassaria a sala de aula? Novamente o irromper do desmantelamento da “normalidade” do humano, a possibilidade de expressão pelos silêncios e interstícios da supremacia, porque considerada única, da linguagem humana. Minha intenção primeira era a “clássica” pesquisa a partir das respostas fornecidas às perguntas que explicitei anteriormente. No entanto, (...) *ao re-encontrar os/as professores/as pelas minhas memórias voluntárias e involuntárias, escutas e fixação das gravações nas fitas K-7, um des-relacionamento escritura/imagem da necessidade de equivalência ontológica e epistemológica com um sujeito-autor (que vê, que escreve) e uma concretude real foi se tornando um orbital de ressonância para minha pesquisa de doutorado* (Andrade, 2006, p. 31).

Virgem – Achei muito legal essa sua apresentação, gostei muito. Enquanto você nos mostrava as Será que os encontros/cursos com professores/as, ao insistir quase que exclusivamente na fixidez de um discurso da/na escola imagens, eu me lembrava dos filmes que você passava para os alunos, sempre buscando essas discussões e me perguntava “Como é que a Elenise busca a matéria dela dentro disso daí?” na justificativa de atrelar-se ao “cotidiano concreto” do processo escolar não estariam transformando-se em fábricas de significados Quando você fala dessa questão da umanização, é muito legal, porque você vai lá na loucura da imaginação e, de repente, você traz à tona aquela realidade que está sendo criada nesse desenvolvimento e aproxima uma coisa da outra, apesar de serem tão distantes e, de certa forma, dá liberdade pra se buscar resultados. fantasticamente entediantes e imobilizadoras dos fluxos criativos? Fica legal, gostoso (Virgem e Andrade, p. 39-40, 2006)

Deixei-me caminhar pelas pulsações criativas nos tensores da descrita, não considerada como uma mediação entre imagens, professores/as, conhecimentos, idéias, pesquisadora. Expulsões da necessidade de interpretação e representação pela escrita como texto e intensificar a potência da linguagem nela mesma, no imediatismo dos flancos, dos interstícios, dos distúrbios que a gagueira e o *nonsense* provocam quando não há significantes nem significados *a priori*. Não há modelos nem cópias, escritor/as nem escrita, leitura nem leitor/a. Experiências. Cadências.

⁴ Minha vontade com tais chamamentos foi de identificar quais professores/as participaram de determinadas reuniões. As duas primeiras professoras – satélites – conversaram em um mesmo dia. Estrelas num segundo enquanto os planetas se encontraram em uma terceira reunião. O último encontro ocorreu entre as constelações do zodíaco. Todas essas conversas ocorreram durante o primeiro semestre de 2004.



Almanaque do Cebolinha, nº 85, p. 71-75, “Cada louco que me aparece...”, Estúdios Maurício de Sousa, Editora Globo, 2005.

Há alguns anos desenvolvi um prazeroso trabalho com vários/as alunos/as de segundo ano do ensino médio com o filme *Frankenstein de Mary Shelley*. Entre um sem-número de conversas em todas as classes um aluno deduziu, radiante, que a criatura produzida por Viktor Frankenstein era um clone! “Claro, professora, foi como você disse, não teve fecundação porque o monstrão não tinha pai nem mãe!”. Fui paralisada por milésimos de segundo. Se ele estava completamente enganado por que minha imensa dúvida se deveria ou não corrigir-lhe imediatamente? O que estava a me paralisar e, ameaça de sensação, proporcionar-me um estranho alívio de contentamento? Ouso responder: a soltura do pensamento do aluno e de seu alegre assombro perante sua criação.

Imagen ↗, fragmento da p. 86, Andrade, 2006

(...) A produção do sentido doado pelo non-sense na superfície da pele (ou do desenho da pele?) do Cebolinha, na superfície da lousa na qual “ensinava” ao aluno clonagem e Viktor Frankenstein. (...) A linguagem parece, de qualquer maneira, impossível, não tendo mais sujeito que a exprima ou se manifeste nela, nem objeto a designar, nem classes e propriedades a significar segundo uma ordem fixa (Deleuze, 2003, p. 81). (Andrade, p. 87, 2006).

Amnésia

(EUA, Memento, EUA, 2001)

O diretor Christopher Nolan conta este filme de trás para frente. Frente pra trás de, pouco a pouco, passo a passo, situação sua a entender tenta ele, assim Mesmo. Lembranças de minutos dois de mais guardar consegue não vendedor, trauma um de Depois. etnagitsnI.

Fonte:

<http://www2.uol.com.br/JC/especial/fundaj/retrospectiva.htm>
(visitado em 09/10/2006).



Imagenã, fragmento da p. 23, Andrade, 2006

Memento: aquilo (por exemplo, um objeto) que recorda algo ou alguém; recordação, lembrança; marca ou nota que se usa para trazer alguma coisa à lembrança⁵.

Amnésia: rubrica: psicopatologia. Perda parcial ou total da memória⁶.

Seite, dnase.	Emphaser e ilunga baira
Ofio, dnase.	desfereforializacão desloquen.
Wdninco meio e Seite.	Seite e meio mendinico.
Apsoluta desfereforializacão.	Ofio.
Quase Seite.	Quase Seite.

Memento esquecido pela amnésia? Lembranças desmarcadas pelo memento? Dança das palavras no silêncio da inversão. Dança das palavras em um mesmo filme? *Eu sou ppobre, probre, pobre de marré, marré, marré. Eu sou rica, rica, rica, de marré deci.* A inversão espelhada poderia ser uma alternativa à fixidez das sintaxes representacionais da/na escrita? O interstício do “entre” possibilitaria invocar nem um nem outro? Nem um e nem outro? Apostar em uma escritura política, nem imaginária nem simbólica, na intenção com que Deleuze e Guattari (1977) apresentaram a literatura menor de Kafka (...) *protocolos de experiência* (p. 13).

⁵ <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?stype=k&verbete=memento>. (Visitado em 03/07/2007).

⁶ <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?stype=k&verbete=amn%E9sia>. (Visitado em 03/07/2007).

Esgotar a linguagem com um texto gráfico por sobrevivência, velado por uma película mortífera tanato e que, por atravessar a superfície, hetero, por teimar em querer repetir-se sem troca, sem duplo, sem equivalente, sem autoria, bio despregado. Instituído numa marcação não natural, armado, manipulado, inventado, dolorido, muitas vezes invisível, duvidando sempre da coerência e da integridade dos seres-objetos, das próprias realidades pelas quais transita e pelas quais deixa de transitar. Revolvam, cavouquem, acrescentem, ignorem trechos, páginas, idéias que aqui apresento. Provavelmente o desnudamento do texto ocorra na ruína de seu rastro no/com o estupro da leitura.

Heterotanatobiográfico (Andrade, p. 131, 2006).

Página 24 de 24

Quase-teze que imita uma tese em busca da saída, assim como fez o símio no conto de Kafka. Não por admiração ou evolução, mas (...) *por uma destruição, por uma derrota: era sua única salvação, sua única possibilidade de sobrevivência libertando-se do minúsculo caixote em que se encontrava preso* (Rago, 2005, p. 41). Caixote da impressão, das gramáticas, perspectivas e metodologias, da encadernação, do preenchimento.

Quase-capítulos ardilosos que mimetizam capítulos de tese acadêmica metamorfoseando-se descontroladamente na “Invenção de Morel” e sua criação; com a “Luz do Sol” e a sua expulsão; em “O retrato de Dorian Gray” e a sua deformação; “Desde dentro dA terceira margem” e a sua superfície. *I would prefer not to.*

Desinvenções. Quase-tudo/todos por reverbera que escritapesquisa na vida da expansão da Gagueira. Silenciosos porque Comunicativos. Vazios porque arruinados, inacabados imanentemente permanecerem para degladiam se que Fragmentos. Meio e sete. Otio-esauQ.

Imagen ↗, fragmento da p. 23, Andrade, 2006

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Antonio Carlos R. *Ponto.Ponto.Ponto. Identidades, diferenças e imagens.* CD Rom da 29ª. Reunião Anual da ANPEd. Caxambu/MG, 17p. 2006.
- ANDRADE, E. C. P. *Ser ou tornar-se humano? A concepção de ambiente na Proposta Curricular de Ciências do Estado de São Paulo.* 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.
- ANDRADE, Elenise C. P. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores.* 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor.* Rio de Janeiro : Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição.* 2ª edição. São Paulo : Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido.* 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo : Editora Perspectiva, 2003.
- RAGO, Margareth. Rir das Origens. In SILVEIRA, Rosa M. H. (Org.) *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais.* Canoas-RS : Ed. ULBRA, 2005.